



# REVISTA CAPIM DOURADO

## Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

DOI: <http://doi.org/10.20873/COSMOPOS1>

### **COSMOLOGIZANDO A UNIVERSIDADE: CONTRANARRATIVAS E COSMOLOGIAS EM UM ENCONTRO DE SABERES NA PÓS-GRADUAÇÃO**

**COSMOLOGIZING AT THE UNIVERSITY: COUNTERNARRATIVES AND COSMOLOGIES IN A KNOWLEDGE ENCOUNTER IN GRADUATE STUDIES**

**COSMOLOGIZANDO EN LA UNIVERSIDAD: CONTRANARRATIVAS Y COSMOLOGÍAS EN UN ENCUENTRO DE SABERES EN POSGRADO**

André Demarchi<sup>1</sup>  
Letícia Melo<sup>2</sup>

Recebido 07/07/2024	Aprovado 15/05/2025	Publicado 23/05/2025
------------------------	------------------------	-------------------------

**RESUMO:** O presente trabalho apresenta um relato etnográfico da conferência de encerramento do evento de ensino, pesquisa e extensão, "Narrativas do Cerrado: comunicação, cultura e sustentabilidade" (2023), organizado pelo PPGCOM-UFT. A conferência, intitulada "Povos Originários e Tradicionais: os guardiões do cerrado", contou com a participação como conferencistas de duas destacadas lideranças dos povos indígenas e quilombolas, Narubia Werreria e Ana Mumbuca. Analisamos as críticas contra-coloniais expressas pelas palestrantes, explorando seus cantos e discursos à luz dos conceitos de cosmologia e contranarrativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Povos Indígenas. Povos Quilombolas. Contranarrativas. Cosmologia. Pós-graduação.

**ABSTRACT:** This paper presents an ethnographic account of the closing conference of the academic event "Narratives of the Cerrado: communication, culture, and sustainability" (2023), organized by PPGCOM-UFT. The

<sup>1</sup>Antropólogo, pesquisador e professor na Universidade Federal do Tocantins (UFT).

<sup>2</sup>Mestranda em Comunicação e Sociedade pelo PPGCOM-UFT. Assessora de comunicação da Universidade de Gurupi (Unirg/TO).



ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

conference, titled "Indigenous and Traditional Peoples: the Guardians of the Cerrado," featured two prominent leaders from Indigenous and quilombola communities, Narubia Werreria and Ana Mumbuca, as speakers. We analyze the post-colonial critiques expressed by the speakers, exploring their chants and speeches in light of the concepts of cosmology and counternarrative.

**KEYWORDS:** Indigenous Peoples, Quilombola Peoples, Counternarratives, Cosmology, Graduate Studies.

**RESUMEN:** Este trabajo presenta un informe etnográfico de la conferencia de clausura del evento de enseñanza, investigación y extensión "Narrativas do Cerrado: comunicación, cultura y sustentabilidad" (2023), organizado por el PPGCOM-UFT. La conferencia, titulada "Pueblos Originarios y Tradicionales: los guardianes del cerrado", contó con la participación como conferencistas de dos destacadas líderes de los pueblos indígenas y quilombolas, Narubia Werreria y Ana Mumbuca. Se analizan las críticas contra-coloniales expresadas por las ponentes, explorando sus cánticos y discursos a la luz de los conceptos de cosmología y contranarrativa.

**PALABRAS CLAVE:** Pueblos Indígenas, Pueblos Quilombolas, Contranarrativas, Cosmología, Posgrado.

“É preciso cosmologizar a comunicação”.  
Ana Mumbuca

Quando ouvimos essa frase da líder quilombola Ana Mumbuca durante a mesa de encerramento da “VI Jornada Interdisciplinar do PPGCOM/UFT”, tivemos a certeza da potência da temática escolhida pela Comissão Organizadora do evento: “Narrativas do Cerrado: comunicação, cultura e sustentabilidade”. Durante esse evento de ensino, pesquisa e extensão que ocorreu entre os dias 17, 18 e 19 de outubro de 2023, presenciamos diferentes narrativas e contranarrativas sendo produzidas, apresentadas e debatidas por



# REVISTA CAPIM DOURADO

## Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

pesquisadoras e pesquisadores de diferentes áreas da comunicação, além de figuras públicas locais, e claro, mais importante para esse texto, a presença das líderes e representantes dos povos tradicionais, indígenas e quilombolas que habitam territórios do cerrado tocantinense.

Dentre a variada programação do evento, que contou com palestras, mesas-redondas, oficinas, rodas de conversas e minicursos, vamos dar destaque nessa contranarrativa elaborada aqui ao evento de encerramento da Jornada, intitulado “Povos Originários e Tradicionais: os guardiões do cerrado”. Nele estavam presentes enquanto conferencistas, justamente, Ana Mumbuca<sup>3</sup>, e Narubia Werreria<sup>4</sup>. A proposta é realizar uma descrição etnográfica (Geertz, 1989) de alguns instantes do evento, destacando algumas falas enunciadas pelas palestrantes em diálogo com os conceitos de cosmologia<sup>5</sup> e contranarrativa<sup>6</sup>.

---

<sup>3</sup>Ana Mumbuca é uma liderança do quilombo Mumbuca, localizado na região do Jalapão (Tocantins). É graduada em Serviço Social pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (2016). Mestra em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília - UNB (2019). Atualmente é diretora da Secretaria dos Povos originários e Tradicionais do estado do Tocantins (SEPOT-TO).

<sup>4</sup>Narubia Werreria é uma liderança do povo Iny (Karajá), localizado na região do rio Araguaia e falante de uma língua Jê. Narubia é ativista, artista plástica, poeta, cantora e escritora. Recentemente esteve à frente da Secretaria dos Povos Indígenas e Tradicionais do estado do Tocantins (SEPOT-TO).

<sup>5</sup>Cosmologia é um conceito antropológico que diz respeito a forma como as sociedades humanas elaboram explicações complexas e abrangentes sobre a origem e estrutura do universo e também sobre a relação entre os seres humanos, os seres espirituais, os animais, as plantas e a natureza (Sahlins, 1997).

<sup>6</sup>Entendemos contranarrativa como “uma resposta imediata às narrativas hegemônicas ou dominantes, uma vez que propõem a construção de novos significados. São narrativas levantes no sentido de que são produzidas por grupos vulnerabilizados que se negam a aceitar esses estereótipos e esquemas dicotômicos e se levantam contra elas por meio de manifestações diversas como palavras, performances, obras de arte, livros, músicas, intervenções culturais e políticas, ocupações, trazendo à tona significados diferentes sobre suas trajetórias e histórias de vida, assumindo, enfim, seus lugares enquanto sujeitos de suas histórias, desconstruindo e



# REVISTA CAPIM DOURADO

## Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

A conferência foi realizada no dia 19 de outubro, uma quinta-feira, às 19:00 horas, no auditório do prédio da reitoria, no campus de Palmas. Aproximadamente 30 pessoas (entre discentes e professores, além de membros da comunidade externa) de muita sorte estavam presentes para ouvir as “falas da terra” que ecoaram ali naquelas quase três horas de conversa.

Após as formalidades de composição da mesa e de apresentação das palestrantes, o mediador passou a palavra para Ana Mumbuca. Em algum momento da parte inicial de sua fala ela disse as seguintes palavras:

Permita-me falar com vocês desse ponto de vista quilombola. Se eu falar do ponto de vista de ser doutoranda, eu não gosto da expectativa de vocês. Eu não preciso disso. Se eu falar como gestora dentro das formalidades que a estrutura do Estado exige, também vou cometer vários erros. Mas como quilombola, ninguém melhor do que eu para falar com vocês sobre quem nós somos (...).

Essas palavras iniciais são fundamentais para posicionar o “lugar de fala” (Ribeiro, 2018) de Ana Mumbuca que, a despeito de suas funções como gestora e doutoranda, escolhe se dirigir à plateia como quilombola, trazendo consigo toda uma ancestralidade e uma identidade coletiva que a permite elaborar falas como a seguinte:

É por isso que a universidade precisa também atentar-se para a comunicação daquilo que a gente está dizendo. Atentar para outras formas cosmológicas. Precisamos com urgência nos posicionar no sentido de cosmologizar a comunicação. Cosmologizar a comunicação! E cosmologizar a comunicação é permitir que outros mundos existam a partir de uma existência orgânica e não nos tratar como folclore, metáfora, narrativas mitológicas, lendárias, etc.

Quando Ana Mumbuca diz que precisamos “cosmologizar a comunicação”, trata-se de uma proposta contracolonial (Santos, 2015), de fazer

---

rebatendo as construções simbólicas hegemônicas disseminadas na sociedade e cultura brasileira” (Demarchi, 2020, p. 70).



# REVISTA CAPIM DOURADO

## Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

da comunicação um espaço em que caibam as epistemologias e as cosmologias dos povos do cerrado. Uma comunicação em que caibam várias comunicações, inclusive e sobretudo aquelas que incidem contra o “midiacentrismo”, característico dessa área do conhecimento (Oliveira, 2023). Ana Mumbuca está propondo uma comunicação que leve a sério a ideia de que o bioma cerrado é um lugar cosmológico, multiepistêmico, vivo, povoado de seres humanos e não-humanos, que já vem sendo vivido, plantado e pensado por esses povos por muitos e muitos séculos, como atestam as incríveis pinturas rupestres presentes nos paredões da serra do Lajeado (Berra, 2015).

Assim, a importância dessa fala da Ana Mumbuca se coloca em um momento em que os saberes, conhecimentos e formas de comunicação dos povos indígenas e quilombolas começam finalmente a serem ouvidos dentro e fora da academia, por apresentarem profundas relações com a terra e a natureza em um contexto de ameaças climáticas e vulnerabilidades globais.

Tal como a Amazônia, bioma brasileiro que tem recebido maior atenção, o Cerrado vem sendo manejado pelas populações que aqui habitam de um modo tal que favorece a diversidade cosmo-sócio-ambiental. Isso se pode confirmar quando em rápida visita à plataforma Google Earth percebemos que os territórios indígenas e quilombolas, bem como as unidades de conservação existentes no estado do Tocantins são pequenas ilhas de proteção do Cerrado em meio a devastação que povoa o seu entorno. Essas cosmologias e epistemologias que mantém o cerrado em pé precisam ser apoiados por aquelas instituições que anseiam por uma produção de conhecimento com espírito crítico em que está presente uma ética do futuro que leva em conta o planeta que deixaremos para as novas gerações. Não nos parece justo, ainda,



# REVISTA CAPIM DOURADO

## Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

que sejam essas populações as únicas responsáveis por manter essa luta pela saúde do nosso planeta.

Também nesse sentido, Ana Mumbuca coloca um ponto a mais. Fazendo críticas fundamentais aos modos de vida modernos, capitalistas, coloniais, que se negam a aceitar a situação complexa e urgente que estamos vivendo.

Fala-se muito que o cerrado está ameaçado, mas fala-se pouco sobre quem está ameaçando o cerrado. É hora de falar de quem está ameaçando, não só que ele está ameaçado. Então, estou falando isso, para dizer que existe um grande chamado ecoando. Existe um grande chamado ecoando. As narrativas que estão se construindo são narrativas, de fato, legítimas? As narrativas do que está se construindo no sentido do que a natureza fala. E vai chegar um momento que essa sociedade vai entender o que estamos dizendo hoje. E poucos saberão. Porque a voz, a escuta, ela precede o sentir. Se essa sociedade não parar para sentir o que está acontecendo, nós estamos fadados a uma situação caótica.

Como aponta Ana Mumbuca, nós ganhamos em compreensão quando entendemos que não se trata apenas de pessoas, empresas, multinacionais, que destroem o cerrado, mas também, e sobretudo de um modo de vida colonial-racista-capitalista-machista, que nós e as futuras gerações precisamos desaprender (Azoulay, 2024) para manter a floresta e o cerrado em pé. Quem vai escutar esse chamado que está ecoando? É o que perguntamos a Ana Mumbuca!

Após a potente fala de Ana Mumbuca, as contranarrativas dos povos do cerrado se intensificaram. Foi quando Narubia Werreria tomou a palavra e surpreendeu a todos ao rememorar alguns momentos de sua vida e algumas das surpresas que ela encontrou ao passar a conviver com os não indígenas.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

Então para nós (povos indígenas), todos nós dançamos, todos nós cantamos, todos nós desenhamos. Inclusive eu costumo falar que foi um impacto muito grande perceber que algumas crianças (não indígenas) falavam que não sabiam cantar, que não sabiam desenhar, que não sabiam nadar. Gente, as crianças não saberem nadar (...) ou subir numa árvore. Foi um espanto!

Aqui é preciso contextualizar o fato de que Narubia é uma “guerreira do povo das águas” (Melo, 2024), já que o povo Iny (Karajá), ao qual ela pertence, se autodenomina como o povo das águas e cujos ancestrais habitavam as diferentes profundezas do rio Araguaia. Daí decorre o espanto de Narubia com o fato das crianças não indígenas não saberem nadar, pois aprender a nadar, assim como cantar, dançar e desenhar é algo que acontece com naturalidade<sup>7</sup> (Krenak, 1999) e é algo a que todas as crianças têm acesso.

Com essa fala de Narubia compreendemos uma lição muito importante sobre as relações de alteridade entre nossa sociedade moderno-colonial-capitalista e as sociedades indígenas: o fato de nós apontarmos para eles como aqueles que “perderam” ou “estão perdendo” a cultura, quando na verdade percebemos que essa perda aconteceu foi com a gente. Essa perda à qual acusamos eles, na verdade se volta contra a gente, e é comprovada pelo desaparecimento dos nossos rituais (Han, 2020), dos nossos resguardos, dos nossos lutos, constantemente rompidos e apagados

---

<sup>7</sup>“Pierre Clastres, depois de conviver um pouco com os nossos parentes Nhandevá e Mbyá, concluiu que somos sociedades que naturalmente nos organizamos de uma maneira contra o Estado; não tem nenhuma ideologia nisso, somos contra naturalmente, assim como o vento vai fazendo o caminho dele, assim como a água do rio faz o seu caminho, nós naturalmente fazemos um caminho que não afirma essas instituições como fundamentais para a nossa saúde, educação e felicidade” (Krenak, 1999, p. 30).



# REVISTA CAPIM DOURADO

## Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

pela velocidade da produtividade, do mercado, do capital que dociliza os corpos.

Para desaprender essa vida, para reencantá-la, nos ensina Narubia que é preciso cantar. Foi assim que, mais uma vez, ela surpreendeu a todos dizendo logo no início de sua palestra que ela estava ali naquele momento “mais para cantar, do que para falar”. E sua palestra foi toda permeada por canções dentre as quais, escolhemos a que mais nos pareceu impactar a nós e aos demais participantes.

Mas antes, porém de cantar, Narubia contou sobre o processo de criação de suas composições, entendidas aqui como poderosas contranarrativas.

Então, com o convívio com essa outra sociedade (não-indígena) desde muito cedo e com as músicas que me encantaram, com as músicas brasileiras, esse contato com os não indígenas me fizeram escrever bastante e fazer algumas composições que sempre vem de alguma angústia, de alguma dor ou de alguma alegria muito grande, por exemplo, quando minha filha nasceu eu fiz uma música pra ela. Então esses fatos fazem com que eu saia cantando, parece que de outra forma não vai ser aquela expressão que eu gostaria.

Aqui vemos como o processo de criação das contranarrativas está relacionado por um lado aos diálogos com as músicas brasileiras, mas também e, sobretudo, aos momentos marcantes, poderíamos dizer mesmo, rituais, de sua existência, momentos de dor e de angústia, mas também de alegria como o nascimento de sua filha. Momentos que a impelem a cantar. A entoar uma composição para uma plateia composta de acadêmicos e acadêmicas que



ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

esperavam uma palestra convencional e, acabaram assistindo a uma performance musical, poética e contracolonial.

Essa música que eu vou cantar agora é uma música que surgiu no período da pandemia e diante de muita indignação e eu acho que tem muito a ver com esse encontro.

Chega devagar que esse corpo é meu, todo meu. A sua propriedade é uma invasão. A sua voz uma usurpação. Sua presença virou violação. Não vá dizer o meu direito, não. Vem devagar que essa terra é minha. Fala de mansinho que essa voz é minha. Vem devagar que essa terra é minha. Fala de mansinho que essa voz é minha. Chega com respeito que esse corpo é meu todo meu. A sua propriedade é uma invasão. A sua voz uma usurpação. Sua presença virou violação. Não vá dizer o meu direito, não. Eu te mostro meu espelho. Refletindo a tua face. Eu cruzei teu mar vermelho. Tua fé é um massacre. Te mostro tua moral. Minhas filhas abusadas Não fale do carnaval. Tua igreja é violada. Chega com respeito que esse corpo é meu. Todo meu!

O impacto que esse canto causou na audiência pode ser avaliado pelas efusivas palmas que se seguiram. Esse impacto é fundamental para dar relevância a isso que estamos chamando aqui de contranarrativa e que contém em si toda a cosmologia de um povo. O próprio canto como forma de comunicação se opõe, naquele contexto, aos maneirismos formais e eruditos geralmente encontrados nas apresentações e conferências acadêmicas. Ao contrário, tratava-se ali de um tipo de canto que vai “direto no coração”, como nos disse uma das pessoas da audiência após a conferência.

Quando Narubia Werreria canta essa canção em um espaço universitário, rompendo com a linguagem e com a postura acadêmica que se espera dela naquele contexto, ela está justamente “cosmologizando a universidade”, está concretizando a ação que Ana Mumbuca batizou de



ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

“cosmologizar a comunicação”, expandindo suas possibilidades, assim como as da universidade para conseguir alcançar essas contranarrativas que expressam e experimentam mundos outros. “Cosmologizar a universidade”, não deixa de ser, enfim, uma oportunidade de sentir, escutar e levar a sério “o grande chamado que está ecoando” da Terra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZOULAY, Ariella Aisha. **História Potencial**: desaprender o imperialismo. São Paulo: Editora Ubu, 2024.

Berra, Julia Cristina de Almeida. **As pinturas rupestres pré-históricas de contorno aberto na Serra do Lajeado-TO**: similaridades e diversidades com as pinturas de contorno aberto no Parque Nacional Serra da Capivara. Dissertação de Mestrado. Recife: PPGARQ/UFPE, 2015.

DEMARCHI, André. **Contranarrativas indígenas**: vulnerabilidades e resistências. In: MIRANDA, Cynthia Mara et al. *Vulnerabilidades, narrativas, identidades*. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. p. 45-67.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HAN, Byung-Chul. **O Desaparecimento dos Rituais: Uma Topologia do Presente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

KRENAK, Ailton. **O eterno retorno do encontro**. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A Outra Margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MELO, Letícia. **Uma guerreira do povo das águas: contranarrativas de Narubia Werreria nas redes sociais**. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Comunicação e Sociedade. Palmas: PPGCOM-UFT, 2024.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

DE OLIVEIRA, Luciana; SALGADO, Tiago Barcelos Pereira. **Comunicação intermundos**: entre a violência e a re-existência, quem fala?. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, v. 22, n. 42, 2023.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SAHLINS, Marshall. **O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica**: por que a cultura não é um " objeto" em via de extinção (parte I). Mana, v. 3, p. 41-73, 1997.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.